

393  
438

## A historia de Antonio Silvino

Leitores, eu vou contar-vos  
A minha biographia ;  
Contar-vos que eu outr'ora  
Não fui quem sou hoje em dia :  
Fui um homem mui pacato,  
E sou uma féra bravia !...

Da minha vida de crimes  
Nada vos occultarei,  
Tudo quanto tenho feito,  
Vos juro que contarei ;  
Quero que o mundo saiba  
Quem fui, quem sou, quem serei.

No anno mil oitocentos  
E setenta e cinco eu nasci  
No districto de Afogados  
De Ingazeira—onde cresci  
Junto aos meus progenitores  
Com quem criei-me e vivi.

Pedro Baptista d'Almeida  
E Balbina de Moraes,  
(Casados pela egreja)

São os meus legitimos paes,  
Ambos 'stão mortos, por isto  
Commetti crimes sem iguaes!

Como ninguem ignora,  
Na minha patria natal  
Ser cangaceiro é a coisa  
Mais commum e natural.  
Por isto herdei de meu pae  
Esse costume brutal...

Até os vinte annos  
Vivi calmo e socegado,  
Desfructando a mocidade  
Como um sertanejo honrado,  
Porém nesta idade o crime  
Quiz me fazer desgraçado.

No anno de mil oitocentos  
E noventa e seis (lembrado  
Inda estou.) em Janeiro  
Meu pae foi assassinado,  
Por José Ramos da Silva  
E um subdelegado.

O José Ramos foi preso  
E p'ra casa de Detenção  
Da capital do estado  
Desceu escoltado, então  
Ficou o subdelegado  
Sem a menor punição.

Apenas foi demittido  
O tal subdelegado,  
Que é filho de José Ramos ;  
E foi então nomeado  
P'ra o cargo, Francisco Braz  
Um valentão afamado.

Vendo eu que a justiça  
Procedia d'esta sorte,  
Resolvi então ir mesmo  
Vingar de meu pae a morte ;  
Fez se toda a sociedade  
Minha inimiga forte !...

Então me vi obrigado  
A cingir a cartucheira...  
E no mesmo anno em Junho  
Eu fiz a morte primeira ;  
Matando um meu inimigo  
—Manoel Ramos Cabaceira.

Manoel Ramos Cabaceira,  
De José Ramos sobrinho,  
S'tava junto com João Rosa ;  
Encontrei-os n'um caminho,  
Matei a ambos só para  
Manoel não morrer sozinho.

Foi sómente p'ra vingar-me  
Que fiz a primeira morte !  
A policia perseguiu-me...

Eu abracei a má sorte! . . .  
Hoje em dia me conhecem  
Pelo bravo herói do norte!

Depois que fiz essas mortes  
O novo sudelegado  
Francisco Braz de Carvalho  
Fez-se então meu intrigado :  
Perseguiu-me e protegeu  
Seu collega exonerado.

Então resolvi mata-lo,  
E o plano realisei ;  
Num dia do mez de Agosto  
Eu com elle me encontrei,  
Elle offereceu-me lucta,  
Luctamos e eu o matei.

Começaram a perseguir-me,  
Eu procurei me esconder  
P'ras bandas da Carnahyba,  
P'ra a policia não me ver ;  
Tendo sempre o cuidado  
De não me deixar prender.

Nesse tempo José Ramos  
Fugiu da sua prisão  
E foi para a Immaculada,  
Onde encontrou protecção  
Do Sr. Delmiro Dantas,  
Que o protegeu desde então.

No mesmo anno em Junho,  
Encontrando-me um amigo,  
Disse :—Manoel Baptista,  
Preciso ir junto contigo  
A' Villa do Teixeira,  
Vingar-me d'um inimigo.

Acompanhei meu amigo  
E fui por elle guiado,  
A' villa do Teixeira  
Em visita ao delegado ;  
Eu fui porque um irmão d'elle  
Protegia um meu intrigado.

A vinte do mez de Junho,  
(Ainda estou lembrado,)  
Nós cercámos o Teixeira  
É a casa do delegado,  
Mas meu amigo não poudo  
Avistar seu intrigado.

Tendo perdido a viagem  
Nós tratámos de fugir,  
Receiando que os Dantas  
Nos viessem perseguir,  
Porque elles não fazem graça  
Para moleque sorrir !

Voltámos ao Pajeú  
E lá ficamos residindo,  
Mas a policia activa

Começou nos perseguindo,  
Té que prendeu meu amigo  
Por encontral-o dormindo.

Quando prenderam meu amigo  
Eu como chefe fiquei ;  
Para Antonio Silvino  
Meu próprio nome mudei,  
E por Manoel Baptista  
Nunca mais me assignei...

O governo da Parahyba,  
Junto com o de Pernambuco,  
Entendiam que eu era  
Um d'esses *Mané Maluco* !  
Porém já provei a elles  
Que tenho *quengo* de succo !...

Nunca mais estes governos  
Me deixaram descansar !  
Devido ás perseguições  
Não pude mais trabalhar...  
Então me vi obrigado  
A não deixar de matar.

O Capitão José Augusto  
Muitas vezes me cercou,  
Sendo uma vez em Fagundes  
D'esta lembrado inda estou :  
Perdi cinco companheiros,  
as elle não me amarrou.

D'este cerco só sahiu  
Um soldado baleado,  
Dias depois em Mattinhas,  
Por elle inda fui cercado ;  
Perdi mais um companheiro  
E outro foi amarrado.

No anno de mil citocentos  
E noventa e nove, eu voltei  
Ao estado de Pernambuco,  
Em Canhotinho acceitei  
O chamado de um amigo,  
E uma uzina cerquei.

Era o Major Santos Dias,  
Dono da uzina citada  
Que, eu cerquei p'ra tomar  
A uma mulher casada  
Que estava do marido  
Alguns dias separada.

O Major foi avisado  
E do terreiro correu...  
A mulher que fui buscar,  
No matto se escondeu ;  
E uma moça que passava  
Foi baleada e morreu !

Inda hoje quando relembro  
Esse tragico accidente,  
Tenho pena da mocinha

Que pereceu innocente,  
Ferida por uma bala  
Que matou-a de repente.

Fugi da uzina e depois  
De dois dias fui cercado  
No districto de Gravatá  
Pelo subdelegado  
João Gonçalves ; do cerco  
Sahi com um braço baleado.

Morreram dois cangaceiros  
Dos que seguiam commigo ;  
Eu pude fugir do cerco,  
E procurar um abrigo ;  
Voltei para a Parahyba  
Onde curou-me um amigo.

Em Abril de novecentos,  
Estava eu em Cabaças,  
Quando a policia cercou-me...  
Eram trinta e oito praças ;  
Brigámos mais de seis horas  
Porém não houve desgraças !

O commandante da força  
Era o mesmo Capitão  
José Augusto ; eu fugi  
Nessa mesma occasião,  
E fui com os meus companheiros  
Me intrincheirar no Surrão.

A dezesete de Junho  
Eu estava no Surrão  
Com cinquenta companheiros,  
Tinba muita munição  
E gente para brigar  
Até com um batalhão!...

Estavamos todos juntos •  
Na casa de José Gato ;  
Apenas o Rio Preto  
Estava doente no matto.  
José matou uma rez  
Para nos dar melhor trato.

Eram oito horas do dia,  
Estavamos acalmados,  
Quando inexperadamente,  
Por cento e vinte soldados  
Eu e os meus companheiros  
Nos vimos todos cercados !...

Eram dois os commandantes  
D'este reforço inteiro :  
Alferes Paulino Pinto,  
Da Parahyba, (o primeiro ;) )  
E o Capitão Angelim,  
De Pernambuco, (um guerreiro).

Era uma lucta medonha,  
Todo esse povo atirando !...  
As balas perto de mim

Passavam no ar silvando ;  
O tiroteio imitava  
Um tabocal se queimando !...

A policia intrincheirou-se  
D'um riacho na barreira,  
Donde nos fazia fogo ;  
Era uma boa trincheira  
Se eu não fosse cuidadoso  
A tropa voltava inteira.

Durou mais de meio dia  
Este combate sangrento !...  
Faltou-me a munição ;  
Deixei o acampamento,  
E fiquei de fora olhando  
Da lucta o movimento !...

N'outro folheto eu conto  
Deste cerco o resultado,  
Como em Pedreiras eu fui  
Por Tolentino cercado ;  
Conto como em Figueiras  
Matei um subdelegado.

(Continúa no folheto «As Victi-  
mas da Crise»).

5081

folleto Raro de SNB